

O Acre de Chico Mendes — VII



Os personagens de um filme de muito suspense

Zuenir Ventura

XAPURI, AC — O roteirista do filme sobre Chico Mendes vai ter muito trabalho para compor o personagem de Mary Helena Allegretti (pronuncia-se aqui *Mari*), um dos mais polêmicos e complexos do elenco amazônico. Ninguém, nem amigos, nem inimigos — e ela os tem em igual número — nega a Mary duas coisas: legitimidade e ambição.

Foi ela quem ajudou a lançar Chico para o mundo, foi ela quem o sustentou durante muito tempo através de bolsas que conseguia com seu prestígio junto a entidades internacionais, e é ela quem tem ajudado a segurar a barra material de Ilzamar e seus filhos.

A antropóloga Mary Allegretti, 40 anos, freqüenta a Amazônia muito antes da região se transformar em moda, desde meados dos anos 70, quando veio fazer a sua tese *O seringueiro: um estudo de caso num seringueiro nativo do Acre*, e por aqui ficou. Ai de quem tentar alguma coisa hoje na Amazônia sem o aval de Mary.

"Se *Mari* cismar de trazer o mar para Xapuri, ela traz", nos disse alguém que trabalha com ela sem ser sua admiradora incondicional. Mary ainda não pensou nisso, mas o que já fez não é muito menos: o instituto amazônico mais influente no mundo é o que ela fundou e dirige.

Qualquer pessoa cairia no ridículo ao se apresentar como diretora do Instituto de Estudos Amazônicos, não de Belém, Manaus ou Rio Branco, mas de Curitiba. Com Mary isso não acontece. Ela é respeitada, embora não seja amada. A sua característica é a objetividade. Num meio como o da militância de esquerda, em que se prefere discutir a "fazer, ela faz. Mandona, centralizadora, autoritária, as coisas em suas mãos saem — como ela quer, mas saem.

"Se ela se decidisse a fabricar salsichas, teria igual sucesso", diz outro colaborador. Mas como Mary nunca teve vocação para salsicha, tornou-se uma eficiente empresária cultural especializada em Amazônia.

Para a realização do I Encontro Nacional dos Seringueiros, em 1985, em Brasília, a ajuda de Mary a Chico Mendes foi fundamental. Além de ficar "agilizando" na capital, como ele disse, Mary foi quem conseguiu apoio financeiro da Oxfam, uma agência inglesa que tem ajudado muito os seringueiros.

Há anos que o Projeto Seringueiro — uma das mais belas criações de que ela participou — precisava de uma biblioteca ambulante para percorrer as 23 escolas dos seringais de Xapuri. Ninguém arranjava. Quem conseguiu? Ora, a mesma pessoa que descolou 70 mil dólares para a realização do II Encontro Nacional dos Seringueiros e I dos Povos da Floresta, em fins de março último, em Rio Branco. A biblioteca é uma placa de lona do tipo daquelas sapateiras que se penduram na parede. Só que aqui, nas bolsas, guardam-se livros em vez de sapatos. Dobrada, tem a forma de uma mochila para carregar nas costas.

A biblioteca é mais útil aos seringueiros do que foi, por exemplo, o Encontro, de eficácia discutível e custo milionário. Mas certamente a biblioteca não atrairia ao Brasil jornalistas de 13 órgãos de imprensa de todo o mundo, como o Encontro.

Uma vez lhe disseram: "O que seria de você sem o Acre?". Ela respondeu: "E o que seria do Acre sem mim?". Seus admiradores acham que na comparação se poderia substituir o Acre por Chico Mendes.

Quando Chico morreu, Mary estava nos Estados Unidos, onde vai com a mesma freqüência com que vem ao Acre. Para chegar a tempo do enterro, só havia um voo, de uma companhia boliviana e, claro, sem lugar. Era impossível voar, mas não para Mary. Ela foi para o aeroporto, fez um comício para a longa fila de espera mostrando a importância do morto e a necessidade que tinha de vir, atropelou quem tinha que atropelar e chegou a tempo de assistir ao enterro do amigo querido. Dizem as más línguas aqui que ela chorou mais do que as duas vivas.

Logo depois, voltava aos Estados Unidos levando devidamente autorizado o documento para criar a Fundação Chico Mendes.

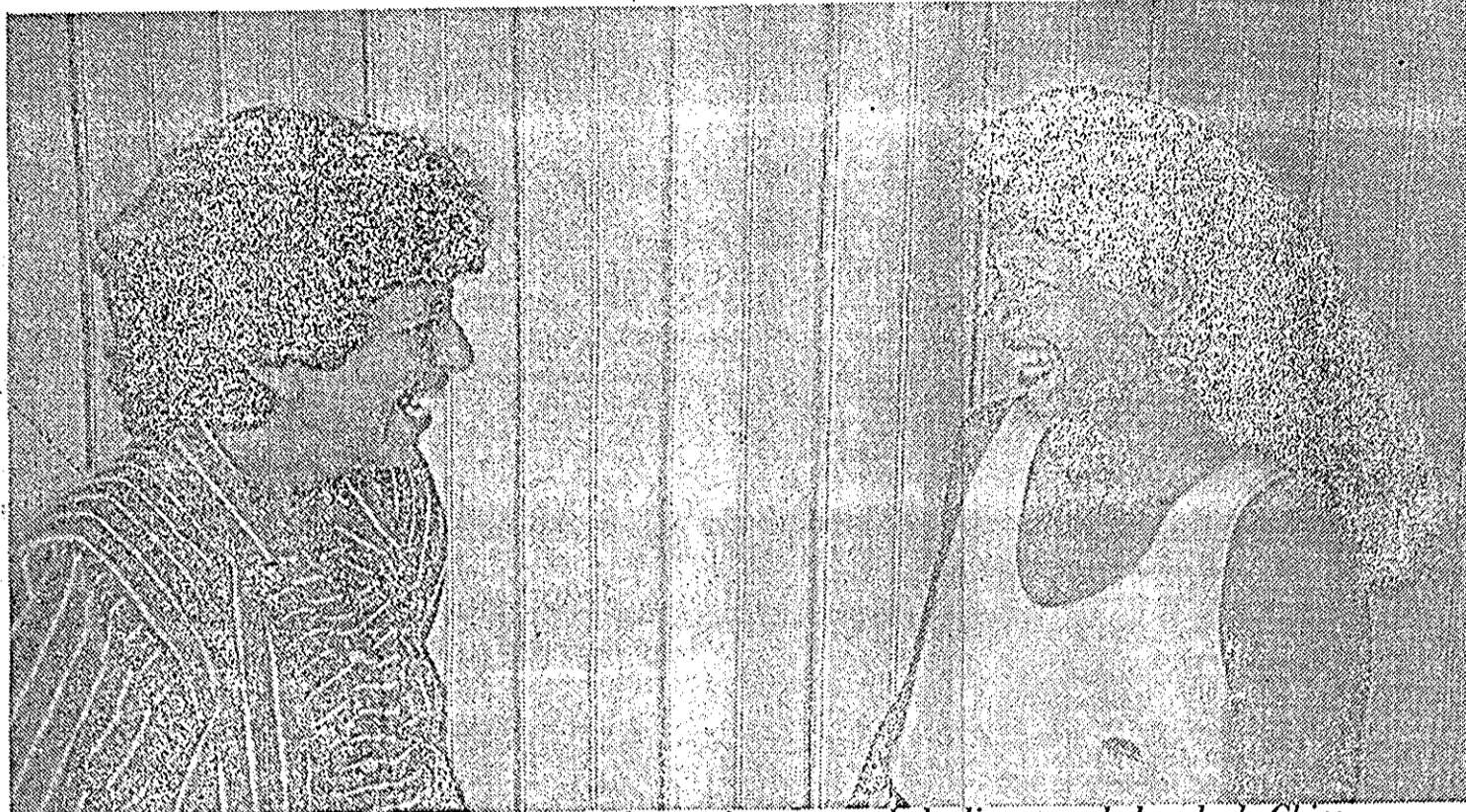
Durante muito tempo Mary diz que aceitou a crítica de que era centralizadora, arrogante, pretensiosa. "Eu agora sou mesmo, só que por um objetivo muito claro, inteiro". A antropóloga acredita que tenha um conjunto de idéias e projetos para mudar a Amazônia, o Acre e até o Brasil.

Há um projeto político nisso que envolve uma crítica à atuação partidária, uma crítica ao papel dos intelectuais e uma crítica ao movimento de esquerda, que não conhece o Brasil, que não põe o pé no chão, que não suja a mão com a miséria do povo, que não joga sua vida. Só joga suas idéias e num nível muito abstrato.

Ela diz que a morte de Chico encerra uma etapa.

Agora os seringueiros são protagonistas de sua própria história e eu também sou da minha. É uma crítica aos intelectuais, que têm que começar a entender que o Brasil não é só Rio e São Paulo. Mas para isso, tem-se que fazer uma revolução dentro de si mesmo.

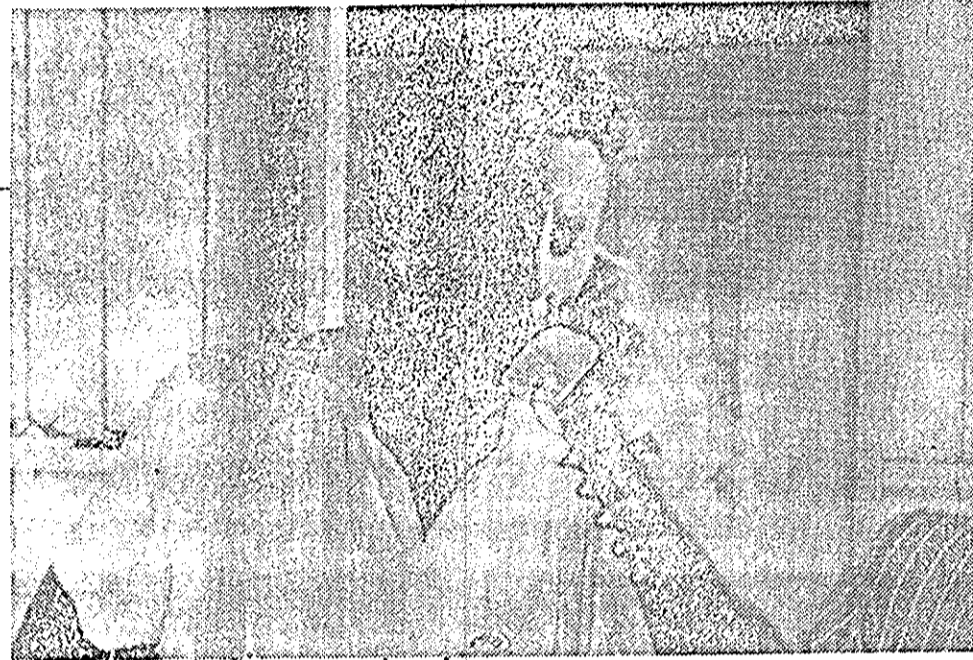
Mary — junto com Steve Schwartzman e Adrian Caldwell — foi muito útil à estratégia de marketing de Chico Mendes, um mestre no gênero. Igual a ele, visível na história



Mary Helena Allegretti e Ilzamar: por trás dos sorrisos, uma velada disputa pelo legado de Chico



Farias e as marcas do crime



Pescador: pelo cinema nacional



Padilha e Joffre levaram uma proposta tecnicamente perfeita



Barreto ainda está no páreo

contemporânea, só Glauber Rocha e, mais distante, Assis Chateaubriand (e, vivo, o discípulo deste, Luiz Carlos Barreto). Os três, planetários, sabiam como explorar genialmente a má consciência do dominador, apresentando-se como *mauvais sauvages* e oferecendo ao consumo do moderno colonizador um exotismo agressivo. Chateaubriand, como embaixador na corte de St. James, pegando a rainha pelo braço e levando para um canto: "Look here, Queen". Glauber em Paris, escarafunchando o nariz e metendo a mesma mão no prato de sua companheira de jantar, ninguém menos do que Elizabeth Taylor. Chico Mendes hospedado no Waldorf Astoria, em Nova Iorque, tendo no andar de cima Ronald Reagan, esnobando seu cicerone, Ted Turner, e perdido na parafênica de comandos do banheiro — "O que é chuveiro aqui, Marco?" —, mas sem perder nunca o objetivo: "Eu quero saber se como vou descolar dinheiro desses gringos para os seringueiros", dizia sempre que podia para seu amigo e companheiro de viagem, Marco Antônio Mendes, atual presidente do Instituto de Meio Ambiente do Acre.

Com uma causa que no começo não tinha o charme da causa indígena, Chico fugiu logo daquela tendência ao martirológico da esquerda, de tipo: estou com a boa causa, mas ninguém me compreende.

— Por muitos anos — explica Mary — o Chico tentou saídas pela via tradicional de esquerda. Ele criou o PT no Acre, mas não ganhava eleição e não conseguia prestígio político nenhum.

Quando sentiu que tinha que mudar de estratégia, o contato com Mary, Steve e Adrian ajudou muito, como relembra Mary: — Ele começou a perceber que não era só o problema da luta de classes tradicional que o alijava da imprensa, da opinião pública — era a forma de se comunicar. Ele sacou isso muito bem.

É evidente que atrás dessa estratégia havia uma boa proposta. O Banco Mundial, quando adotou muitas das idéias de Chico para aprovar a liberação de dinheiro para o Brasil, adotou porque elas eram boas, não só porque eram bem vendidas. Não se pode esquecer que o BID e o Banco Mundial estavam cansados de receber problemas, não soluções. Quando alguém apresentou, além das críticas, uma proposta, a aceitação foi imediata. É claro que, como se viu, para chegar a

isso Chico teve que se transformar inclusive em jornalista americano.

— Ele tinha uma estratégia de comunicação que não tem nada a ver com a esquerda tradicional, que não gosta, não sabe e rejeita esse tipo de coisa — explica Mary, também especialista no gênero.

Mary Helena Allegretti é um personagem difícil de ser representado. *Mari* está longe de ser uma vilã, tão longe quanto está de ser apenas uma antropóloga. É papel para... um produtor americano sugeriu Sigourney Weaver, mas a sua ambivalência é dose para Marília Pera.

Tudo indica que ela se sairá bem no filme, até porque uma das exigências que conseguiu incluir nos contratos — nos estrangeiros pelo menos — é o seu nome como consultora da história. Mas Mary conseguiu mais: se escolhida a proposta da Better World Society, por exemplo, o Instituto de Estudos Amazônicos, de Curitiba, receberá tanto quanto Ilzamar e o Conselho Nacional dos Seringueiros: nada menos que 50 mil dólares, dos 250 mil. Como todos os pretendentes agora vão ser obrigados a começar a corrida com 1 milhão de dólares, aqueles números devem ser atualizados.

A comissão encarregada de escolher as propostas do filme — formada por Ilzamar, Mary, Steve Schwartzman e Gilson Pescador — está hoje nitidamente dividida. De um lado há Mary, possivelmente com o apoio de Steve, tendendo para a escolha de uma produtora estrangeira. Ela não esconde sua desconfiança de que os produtores brasileiros não consigam manter as propostas que fizeram. De outro lado, está Gilson, muito tentado a votar numa proposta brasileira: a de Joffre Rodrigues, a de Roberto Farias ou a de Luiz Carlos Barreto. Ilzamar está na difícil posição de ter que decidir no caso de um empate entre os quatro. Como presidente da Comissão, o voto de minerva, valendo dois, seria indiscutivelmente dela. Resta saber para onde ela pende — e isso não é fácil saber.

Ilzamar é muito grata a Adrian Caldwell, autor de um dos documentários mais completos sobre a Amazônia: *A década da destruição*. Há 9 anos, Caldwell vem regularmente à Amazônia em função do seu trabalho e acabou tornando-se muito amigo de Chico Mendes, a quem ajudou inclusive financeiramente. Quando Sandino nasceu, Ilzamar estava grávida de gêmeos — perdeu o

outro. Adrian foi quem levou-a para o hospital e pagou o parto. E justamente ele, como roteirista, tendo como diretor Chris Menges, que a Warner Bros propõe.

Isso facilitaria um acordo entre as duas mulheres da Comissão.

A "Nova Ilzamar", porém, a mulher que quer andar com seus próprios pés, não está disposta a ceder o *meu espaço*, uma expressão que gosta muito de usar, até porque uma das poucas queixas que tem do marido é que ele não lhe dava espaço. Ilza não quer mais a tutela de *Mari*: "Ela está querendo o meu espaço", desabafou um dia referindo-se a Mary Allegretti, "mas não vai ter".

Até a reunião que selecionou as 6 das 15 propostas apresentadas, as relações dos membros da Comissão ainda estavam publicamente cordiais — escolher seis propostas é mais fácil do que uma. Mas vai chegar o momento da decisão final e aí é difícil prever o que acontecerá.

O grande opositor de Mary na Comissão e no movimento é o ex-vigário de Xapuri, Gilson Pescador, que nas últimas eleições para prefeito foi derrotado por apenas 200 votos num colégio de 6 mil eleitores — um resultado que foi contestado como fraudulento. Formado em filosofia pela Universidade do Paraná e em teologia pela PUC do Rio, Gilson trabalhou muito tempo com frei Leonardo Boff e é primo do Bispo do Acre, d. Moacir Grecchi, mas não convidem os dois para a mesma mesa. Estão rompidos: segundo alguns, porque Gilson, 29 anos, deixou a batina para se casar, segundo o próprio ex-padre, por divergências políticas com o primo. Gilson gostaria de premiar o nosso cinema.

Se a escolha recair sobre uma produção brasileira, o cinema nacional vai ficar devendo isso a Roberto Farias. Quando o diretor de *Selva trágica* chegou a Rio Branco para presidir o I Festival de Vídeo, no começo de abril, só se cogitava das propostas americanas. Roberto chegou, deu uma entrevista em *A Gazeta* e no dia seguinte foi com o presidente da Fundação Cultural do Acre, Francisco Gregório Filho, a Xapuri. A tese de Roberto mudou o quadro. Ele dizia mais ou menos o seguinte: o dinheiro, isto é, a produção, pode ser americano, mas o diretor deve ser brasileiro.

Na quarta-feira, dia 5, Roberto Farias,

carregando um vídeo do seu *Fra frente Brasil*, se reunia na casa de Gilson Pescador com este, Ilzamar e alguns seringueiros. Ele sugeriu que se estudasse com cuidado as propostas e que se preferisse um bom adiantamento em lugar de uma participação futura. "Em 39 anos de cinema, isso nunca funcionou comigo", explicou. Era exatamente o contrário do que recomendara Mary à Comissão: interessar-se mais pelas percentagens.

Às 10 horas da noite, já no Hotel Santo Antônio, que é ainda pior do que o Veneza, Roberto não conseguia dormir: por causa do calor — a camisa de meia de mangas compridas e um tubo de antialérgico não afugentavam os mosquitos — e por causa da reunião. Ele estava com escrúpulos de que se pudesse pensar que a sua defesa era em causa própria, embora só a partir daquele momento ele resolveu apresentar uma proposta. A sua posição, na verdade, visava a inclusão do cinema nacional na disputa, quaisquer que fossem o diretor e o produtor.

A exposição de Roberto Farias pegou muito bem. No dia seguinte, Ilzamar se mostrava entusiasmada e Gilson exultante com os argumentos: "Se somos de um partido que é contra a internacionalização da Amazônia, como aprovar a internacionalização do filme?", dizia ele.

Quem parece não ter gostado foi Mary. Dois dias depois, já em Rio Branco, ao tomar conhecimento da novidade, o advogado do IEA, Genésio Natividade, fez questão de ligar para sua amiga, do quarto do hotel de Roberto. Entusiasmado, explicou a proposta, uma solução que lhe parecia excelente. Falou, falou e propôs:

— O Roberto está aqui do meu lado, fala com ele.

Houve um silêncio constrangedor do lado de cá e a informação para Roberto:

— Ela não pode falar, está rouca.

Devia ser de tanto ouvir — como diria José Maria Alkmin.

Uma coisa só talvez não tivesse agradado a ninguém em Xapuri. Roberto prefere, para o papel de Chico Mendes, Lima Duarte, quando o nome-consenso, dentro e fora da Comissão, é Gianfrancesco Guarnieri — de tal maneira que, mesmo que ganhe uma produtora estrangeira, dificilmente o Chico nas telas será outro.

No dia 19 de abril, desembarcava em Xapuri o comando da JN filmes: Joffre Rodrigues e José Cláudio Padilha. Eles tinham a seu favor o fato de terem sido os primeiros — em janeiro, logo depois da morte do líder, quando não se falava em filme e a apresentar uma proposta. Aliás, a favor e contra, porque o que então propuseram eles têm vergonha de repetir hoje: dez mil cruzados (antigos).

O primeiro encontro de Joffre com Ilzamar não começou muito bem. Com sua habitual franqueza, a viúva disse:

— Engraçado, antes no Brasil ninguém dava a menor bola pro Chico; agora vem todo mundo correndo.

Joffre saiu-se bem, dizendo que ela tinha razão e que o cinema nacional estava tentando se redimir dessa falta imperdoável. A sua proposta, tecnicamente, foi considerada a melhor, suplantando inclusive a de Luiz Carlos Barreto com seus aliados americano e italiano — isso se o julgamento fosse apenas técnico. Barreto propõe uma série para TV e, depois, um filme. A da JN é justamente o contrário: um filme e depois a TV, o que é mais lógico, já que, após passar na TV, dificilmente alguém vai ver um filme no cinema.

Luiz Carlos Barreto também esteve em Xapuri — de uma sexta a uma impressão — e deixou, como sempre, muito boa impressão pessoal, mas terá que mexer na sua proposta e, quem sabe, procurar Mary Allegretti. Se houver esse encontro, vale a pena cobrar ingresso. Quem achar que ele está fora do páreo é porque não conhece Luiz Carlos Chateaubriand Barreto.

Não se sabe que final vai ter esse filme — o certo é que ele não está fazendo bem à unidade do movimento. No mesmo domingo em que se decidiram a escolher das seis propostas, houve uma reunião do Conselho Consultivo da Fundação Chico Mendes. *Mari* tinha uma proposta: que Gilson Pescador fosse o vice-presidente e que o tesoureiro fosse um advogado que ela traria de Curitiba. No dia seguinte de manhã, Gilson não teve dificuldade em interpretar a tentativa: jóia-fo para um posto decorativo e manter indiretamente nas mãos da sua adversária o cargo mais importante.

Um dos talentos de Chico Mendes era administrar talentos diversos e conflitantes. Quem agora vai dar conta de um material humano tão variado e divergente, com tanto dinheiro e poder em jogo? De um lado, Mary, inteligente, ambiciosa, sendo reconhecida lá fora como a herdeira de Chico Mendes. Do outro lado, o abnegado Gilson Pescador, ameaçado de morte, carregando o plano do movimento, petista, dando às vezes a impressão de que, em política, deixou a Igreja, mas não a religião. Com ele, o outro assessor, Gomercindo Garcia Rodrigues, dedicado, capaz de se enfiar semanas nos seringais, conhecendo tudo dos seringueiros, mas com uma cintura política de elefante. E, meio perdidas, as lideranças seringueiras: Raimundo de Barros, Júlio Barbosa, Osmarino Amâncio.

Durante um mês, encontrei em cada líder com quem conversava um pedaço de Chico. Depois, somei todas as partes e, por mais que somasse, nenhum resultado deu um Chico Mendes inteiro.